



“Equilíbrio das Histórias”: A produção literária de Flora Nwapa sobre as mulheres Igbos na Nigéria

Tathiana Cristina da Silva Anizio Cassiano¹

Doutoranda (UDESC)

 <https://orcid.org/0000-0002-0563-0701>

Recebido em: 23/01/2025

Aprovado em: 28/02/2025

RESUMO

O ensaio analisa como Flora Nwapa, pioneira da literatura nigeriana e primeira romancista africana de renome internacional, utilizou sua obra para evidenciar e centralizar as experiências das mulheres igbos. Em um contexto marcado pelo legado colonial, Nwapa contrapôs narrativas eurocêntricas ao valorizar as tradições, estratégias de resistência e protagonismo feminino na sociedade igbo. Por meio de romances como *Efuru* (1966), destacou temas como casamento, maternidade, comércio e negociações sociais, expondo a pluralidade de vivências das mulheres e seu papel essencial na formação da identidade nigeriana pós-independência. Este estudo enfatiza a literatura como fonte histórica e a relevância da escrita de Nwapa no equilíbrio das narrativas sobre a África.

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), pesquisadora associada ao Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais e bolsista CAPES. E-mail: tathi.leandro@gmail.com.



PALAVRAS-CHAVE

Flora Nwapa; mulheres igbos; literatura africana.

Introdução

Este breve ensaio visa explorar como Flora Nwapa, uma pioneira na literatura nigeriana, utilizou sua obra para evidenciar o protagonismo de mulheres igbos e equilibrar as narrativas históricas, muitas vezes dominadas por perspectivas coloniais e masculinas. Este estudo decorre de minha pesquisa no doutorado que desenvolve uma análise das obras literárias de Flora Nwapa, contextualizando-as no movimento intelectual nigeriano do século XX, o impacto da educação colonial, e na resposta às representações desumanizantes da África e dos africanos na literatura ocidental. O estudo também considera as contribuições de outros intelectuais e historiadores contemporâneos que discutem a representatividade e os perigos de uma história única. Nesse sentido, a análise da literatura de Flora Nwapa nos permite perceber como ela destacou a centralidade das mulheres na sociedade igbo, contrariando representações que as marginalizavam.

Florence Nwanzuruahu Nkiru Nwapa, mais conhecida como Flora Nwapa (1931-1993), foi professora, editora, escritora e a primeira romancista africana a ser aclamada internacionalmente. Possuía formação de bacharel em Inglês, História e Geografia pela Universidade de Ibadan, e em Educação pela Universidade de Edimburgo, Escócia. Além disso,



especializou-se em Relações Públicas nos Estados Unidos e em Administração Universitária no Reino Unido. Nwapa começou sua carreira como escritora aos 30 anos com a publicação de *Efuru* (1966), sua obra mais conhecida.² Sua trajetória profissional incluiu também atuação no serviço público junto aos Ministérios da Educação (até 1959), da Saúde e Previdência Social (1970) e das Terras, Pesquisa e Desenvolvimento Urbano (1971) no Estado Central do Leste da Nigéria.

A configuração do que hoje conhecemos como Nigéria enquanto Estado-nação resulta de um processo histórico vinculado às relações entre Europa e África no final século XIX e no século XX, em meio ao avanço imperialista. O território ficou sob administração do Império Britânico a partir de 1885 e tornou-se formalmente o Protetorado da Nigéria em 1914. A influência britânica, no entanto, remonta à 1807, ano em que o comércio de escravizados foi proibido. Após décadas de colonialismo, o país alcançou a independência em 1960. Segundo Elikia M'Bokolo,³ o imperialismo e o colonialismo representaram grandes rupturas históricas na trajetória do continente africano, trazendo consequências profundas às populações locais.

Os igbos, um dos grupos que habitavam o atual território da Nigéria antes da colonização, viviam em cidades como Enugu, Aba, Onisha, Oguta (Ugwuta), Asaba e Port Harcour, área conhecida como Igbolândia. Nesse espaço prevalecia uma organização baseada

² Gloria Chuku. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo culture and women's studies. In: CHUKU, Gloria (org.). *The Igbo Intellectual Tradition: Creative Conflict in African and African Diasporic Thought*. New York: Palgrave Macmillan, 2013. p. 269.

³ Elikia M'Bokolo. *África Negra: histórias e civilizações*. Tomo I (até século XVIII). Tradução de Alfredo Margarido. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.



em laços familiares, clãs e linhagens, de modo que a proximidade no parentesco influenciava aspectos da moradia e dos deveres comunitários.⁴ Missionários cristãos desempenharam um papel central na região: enquanto combatiam o tráfico ilegal de escravizados e disseminavam valores cristãos, também facilitavam a intervenção crescente do governo britânico, que visava abrir caminhos para a atuação comercial na região.⁵ Para difundir o cristianismo, os missionários investiram no estudo das línguas e costumes locais, produzindo os primeiros dicionários em igbo, com o apoio e financiamento da administração colonial. Esse processo de ocidentalização e cristianização coincidiu com o surgimento de um tipo específico de literatura escrita na África, tanto em línguas africanas quanto em línguas europeias.⁶

A literatura produzida nesse contexto pode ser dividida em três etapas. Segundo Bonnici, a primeira etapa inclui textos produzidos por “representantes do poder colonizador (viajantes, administradores, soldados e esposas de administradores coloniais)”,⁷ com evidente discurso imperialista. O historiador Elikia M'Bokolo denominou esse conjunto de produções como “biblioteca colonial”.⁸ A segunda etapa compreende os “textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na metrópole e que se sentiam

⁴ Chinua Achebe. *O mundo se despedaça*. Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 8

⁵ Toyin Falola; Matthew M Heaton. *A History of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 86

⁶ Ana Mafalda Leite. *Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 154.

⁷ Thomas Bonnici. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: EDUEM, 2012, p. 22.

⁸ Elikia M'Bokolo. *África Negra: histórias e civilizações*. Tomo II (do século XIX aos nossos dias. Tradução de Alfredo Margarido. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.



gratificados em poder escrever na língua do europeu”,⁹ como poemas e romances que, embora dialoguem com os valores europeus, também buscavam reafirmar aspectos culturais locais.

Embora a educação colonial oferecesse benefícios em relação ao sistema imposto pelos colonizadores, ela também reafirmava a noção de superioridade racial. Assim, mesmo com a educação e formação obtidas dentro desse sistema, os nigerianos continuavam a ser oprimidos pela sua origem racial,¹⁰ resultante de um modelo chamado Indigenato, que moldou as sociedades africanas após a ocupação europeia, fundamentando-se em critérios de “raça” e “nacionalidade”.¹¹

No entanto, uma nova geração de jovens formados no conceito de “missão civilizadora”, a partir da década de 1930, rejeitava a visão de sua herança tradicional como “selvagem”. Esses jovens fundaram jornais, valorizaram suas tradições e línguas e participaram de discussões com comunidades não alfabetizadas, contribuindo para a formação de uma consciência pan-nigeriana.¹² Esse movimento é um desdobramento local de um conceito mais amplo, o pan-africanismo, que ganhou corpo com o estadunidense Willian Du Bois. O pan-africanismo partiu inicialmente da busca de uma unidade do povo negro em favor da melhoria das condições de vida deste e, mais tarde, incorpora a ideia de independência e unidade dos povos africanos.

⁹ Bonnici, 2012, p. 23.

¹⁰ Falola; Heaton, 2008, p. 129.

¹¹ M'Bokolo, 2011, p. 458.

¹² Falola; Heaton, 2008, p. 131.



Essas ideias se consolidaram depois do Primeiro Congresso Pan Africano (Paris) ocorrido em 1919 e lançaram os fundamentos das organizações de libertação nacional.¹³

A terceira etapa, segundo Bonnici “envolve uma gama de textos, a partir de um certo grau de diferenciação, até uma total ruptura com os padrões emanados da metrópole”,¹⁴ como o romance *O mundo se despedaça* de Chinua Achebe¹⁵. Nessa obra o autor “ridiculariza o administrador colonial que deseja escrever um livro sobre os costumes primitivos dos selvagens do alto rio Niger”¹⁶, contrapondo-se com uma descrição complexa da estrutura política, social e econômica dos igbos.

A produção literária de Flora insere-se neste contexto de construção de uma identidade nacional pós-emancipação política da Nigéria. Sua obra buscou inspiração em elementos endógenos para criar narrativas que refutaram as representações eurocêtricas desumanizadoras. Assim, tratava-se da recusa à inferiorização marcadamente presente no olhar europeu sobre as Áfricas e da crítica às permanências do legado colonial,¹⁷ mesmo no pós-independência.¹⁸

¹³ M'Bokolo, 2011, p. 549.

¹⁴ Bonnici, 2012, p. 23.

¹⁵ Chinua Achebe (1930-2013) foi escritor, professor e crítico literário. Escreveu romances, poesias, ensaios e contos, mas foi o seu primeiro romance *O Mundo se Despedaça* (Achebe, 2009) que o fez ser reconhecido internacionalmente, e se tornou um dos livros mais importantes da literatura africana contemporânea.

¹⁶ Bonnici, 2012, p. 23.

¹⁷ O processo de ruptura colonial e o aprofundamento da crise que culminou com uma guerra civil no final na década de 1960 gerou a instalação de sistemas tão opressores aos direitos civis quantos os que existiam na fase colonial e essa experiência se reflete na narrativa de autores nigerianos.

¹⁸ Cláudia Mortari. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências de ensino e pesquisa em História das Áfricas. In: Simoni Mendes de Paula; Silvio Marcus de Souza Correa (org.). *Nossa África: ensino e pesquisa*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 51.



Edward Said, utilizando como exemplo a produção literária de diversos autores deste contexto, como o escritor igbo/nigeriano Chinua Achebe, destacou o esforço destes em escrever suas próprias histórias e culturas de uma nova maneira como contraponto à narrativa imperialista.¹⁹ Said ainda acrescenta que é preciso prestar atenção ao lugar do romance na história e mundo do império, pois “o poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constituiu uma das principais conexões entre ambos”.²⁰ Desse modo, o olhar inferiorizado, apresentando imagens romantizadas e paternalistas de sociedades e povos africanos, foi instrumentalizado para justificar e perpetuar o imperialismo europeu.

No que se refere às mulheres, o apagamento de suas histórias é ainda mais emblemático. A intelectual nigeriana Oyèronké Oyèwùmí, por exemplo, aborda em seus trabalhos os discursos ocidentais de gênero a partir da análise do contexto iorubá. A autora pontua que os alvos da política do projeto colonial do imperialismo europeu eram os homens, pois os cargos destinados aos colonizados na administração colonial eram exclusivamente masculinos.²¹ Com isso a perspectiva masculina se sobrepõe, evidenciando o caráter periférico das mulheres nos estudos sobre a história dos períodos colonial e pós-colonial.

¹⁹ Edward Said. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 338.

²⁰ Said, 1995, p. 13.

²¹ Oyèronké Oyèwùmí. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: wanderson flor nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 171-193.



Nesse sentido, a literatura contemporânea na África, como a de Nwapa, se constituiu como principal veículo de recuperação das experiências e pensamentos de mulheres, consideradas pela pesquisadora Anthonia Kalu como verdadeiros arquivos do conhecimento tradicional de suas respectivas comunidades.²² Foi inspirada nos costumes, nas práticas cotidianas de mulheres igbos de seu tempo e do tempo de seus antepassados, que Flora Nwapa construiu as personagens e as histórias que marcaram seus textos literários desde 1966, data da publicação de seu primeiro romance, *Efuru*.

Suas personagens se contrapunham à visão de mulheres submissas, coadjuvantes, predominante nas narrativas ocidentais. Destacou a pluralidade de experiências dessas mulheres, assim como as estratégias por elas desenvolvidas para lidar com as transformações econômicas, políticas e sociais na Nigéria antes de depois do processo de emancipação. Num movimento similar aos intelectuais nigerianos de seu tempo, Flora Nwapa volta-se ao passado de seu povo no qual costumes, crenças, tradições até então silenciadas são recuperadas, valorizadas. Sem deixar de apontar as contradições e violências da experiência colonial, Nwapa recoloca a mulher africana no centro das histórias sobre o povo igbo, destacando seu protagonismo.

O (a) escritor (a) africano (a), segundo Chinua Achebe, tomou para si as histórias que até então vinham sendo contadas em nome dele (a) e cuja narrativas considerou insatisfatória.²³ Ele argumenta que esses (as) escritores (as) têm a responsabilidade de contar histórias que

²² Anthonia C. Kalu. *Women, Literature and Development in Africa*. 2. ed. New York: Routledge, 2020, p. 159.

²³ Chinua Achebe. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 120.



reflitam a verdadeira dignidade e humanidade de seu povo e busquem um “equilíbrio das histórias” sobre os povos africanos. Essa expressão foi traduzida por Cláudia Mortari a partir de uma entrevista concedida pelo Chinua Achebe em 2007 ao escritor Helon Habila. A premissa, segundo Mortari, é que “diante de uma história de que você não gosta ou que não o/a representa, é preciso contar outra que se contraponha a ela”.²⁴

Flora Nwapa compartilhava o mesmo objetivo, mas foi além, conferindo centralidade às mulheres em suas histórias, ao considerar que seus colegas escritores negligenciavam o importante papel delas na sociedade igbo. Ela assumia a intenção de “projetar uma imagem mais equilibrada da feminilidade africana”²⁵ e que por meio das personagens que criou, pretendia “dar exemplos dos papéis cruciais que as mulheres igbo desempenham em suas comunidades”²⁶, conforme afirmou no seu texto *Women and Creative Writing*.

Efuru, de Flora Nwapa, foi publicado pela primeira vez em 1966, com novas edições nos anos de 1969, 1970, 1973 e 1975, todos em língua inglesa. Na pesquisa, utilizo a primeira edição (1966), publicada pela Heinemann Editora (Londres) como parte de uma série de coleção intitulada African Writers Series cujo editor foi Chinua Achebe. *Efuru* é o livro nº 26 dessa série. A história se passa numa comunidade Igbo, na África Ocidental, durante o período

²⁴ Mortari, 2016, p. 41.

²⁵ [...] *to project a more balanced image of African womanhood*. Flora Nwapa. *Women and Creative Writing in Africa*. In: Tejumola Olaniyan; Ato Quayson(org.). *African Literature: an Anthology of Criticism and Theory*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 527. Neste ensaio as citações originais no inglês estarão em nota e as traduções feitas por mim e revisada por parceiros estarão no corpo do texto.

²⁶ [...] *to give examples of the crucial roles that Igbo women play in their communities*. Nwapa, 2007, p. 527.



colonial (atual Nigéria) e é protagonizada por Efuru, uma jovem igbo filha de um respeitado líder da comunidade.

Em *Efuru*, Nwapa aborda os dilemas que envolvem casamento e maternidade, aspectos considerados centrais para o papel social das mulheres na sociedade igbo mesmo quando essas conquistavam algum poder econômico. Naquele contexto, a maternidade era vista como a principal função da mulher no casamento, e essa expectativa permeia toda a trajetória da protagonista. Negociar os papéis femininos dentro daquela comunidade igbo emerge como um dos grandes desafios das personagens do romance. Efuru, a protagonista da história, encontra uma forma de ressignificar essas questões ao se tornar adoradora de Uhamiri, uma divindade da cosmogonia igbo que simboliza riqueza e liberdade feminina.

Efuru narrou alguns de seus sonhos e acrescentou que algumas manhãs depois desses sonhos ela se sentia particularmente feliz. “Você é uma ótima mulher. Nwashike Ogene, sua filha é uma ótima mulher. A deusa do lago escolheu-a para ser uma de suas adoradoras. É uma grande honra. Ela vai lhe proteger e te banhar em riqueza. Mas você deve preservar suas leis. Em volta desta cidade, quase todos os prédios que você encontra foram construídos por mulheres que, uma vez ou outra, foram adoradoras de Uhamiri”.²⁷

Para Chuku, Efuru era um exemplo utilizado por Flora para demonstrar que a maternidade era muito importante para as mulheres igbos, mas não era a única alternativa.²⁸

²⁷ Efuru narrated some of her dreams and added that some mornings after these dreams she felt particularly happy. ‘You are a great woman. Nwashike Ogene, your daughter is a great woman. The goddess of the lake has chosen her to be one of her worshippers. It is a great honour. She is going to protect you and shower riches on you. But you must keep her laws. Look round this town, nearly all the storey buildings you find are built by women who one time or another have been worshippers of Uhamiri’ (Nwapa, 1966, p. 190).

²⁸ Chuku, 2013, p. 267-293.



“Essa desvantagem, essa falta de filhos torna uma mulher menos mulher, menos humana? Eu penso que não. Efuru encontra satisfação ao se tornar a sacerdotisa da deusa da água”.²⁹

Flora Nwapa destacou nos seus romances a centralidade do trabalho na vida das mulheres igbos, enfatizando que garantir o sustento e alcançar sucesso econômico não era uma preocupação exclusivamente dos homens. Em *Efuru*, cuja trama se desenrola no período colonial, as mulheres estão no centro da manutenção econômica de suas famílias: “As mulheres da nossa cidade são muito trabalhadoras. Elas se levantam quando o galo canta”.³⁰ Nas aldeias de Ugwuta, as mulheres lideravam as atividades comerciais. Efuru, por exemplo, destacava-se como uma hábil negociante. Após casar-se com Adizua, recusou-se a trabalhar na agricultura e permaneceu na cidade, onde iniciou a comercialização de inhames, seguida por peixe seco e, finalmente, lagostins, com os quais acumulou sua fortuna (Nwapa, 1966, p. 19).

Além de *Efuru* (1966), Flora Nwapa publicou os romances *Idu* (1970), *Never Again* (1975), *One is Enough* (1981), *Women Are Different* (1986) e *The Lake Goddess*³¹ (2019). Suas obras exploram a jornada das mulheres igbos desde o contexto colonial até o período pós-guerra civil, capturando múltiplos aspectos da história da Nigéria por meio das vivências e do papel social dessas mulheres.³² Nwapa aborda temas como as lutas das mulheres no processo

²⁹ *Does this handicap, this childlessness make a woman less woman, less human? I do not think so. Efuru finds fulfillment by becoming the priestess of the water goddess.* Nwapa, 2007, p. 31.

³⁰ *Women of our town are very industrious. They rise when the cock crows.* NWAPA, Flora. *Efuru*. 1. ed. Londres: Heinemann Educational Books, 1966, p. 245.

³¹ *The Lake Goddess* (Nwapa, 2019) é o livro póstumo de Flora Nwapa, cujo original foi concluído em 1992, publicado pela primeira vez na forma de e-book em 2019 e depois em 2020, ambas pela Tana Press. Em 2023 ganhou uma edição impressa e em e-book pela Abibiman Publishing.

³² Chuku, 2013, p. 271.



anticolonial, o impacto da Segunda Guerra Mundial, a destruição promovida pela guerra civil Biafra-Nigéria³³ e os efeitos da corrupção desenfreada.

Ao descrever o desenvolvimento das personagens Efuru, de *Efuru* (1996), e Idu, de *Idu* (1970), protagonistas de seus dois primeiros romances, Nwapa afirmou ter se inspirado nas mulheres que a cercaram durante sua infância:

Eram mulheres firmes e superiores que se destacavam na sociedade. Elas não eram apenas esposas e mães, mas também comerciantes bem-sucedidas que cuidavam dos filhos e dos maridos. Elas estavam muito conscientes dos seus papéis de liderança nas suas famílias, bem como nas igrejas e no governo local. Os modelos para Efuru e Idu estavam lá – na vida real – para eu explorar.³⁴

Por meio de sua escrita, Flora Nwapa evidencia as experiências das mulheres na sociedade igbo, abordando temas como o casamento, a maternidade, a poliginia, o comércio, a oralidade, os ritos e organizações sociais. Ela também aborda as estratégias de enfrentamento e resistência dessas mulheres em um contexto marcado pela amplificação das complexidades na relação entre homens e mulheres, potencializadas pelo patriarcalismo colonial. Nesse sentido, Nwapa enfatizava habilidade das mulheres igbos em negociar sua posição nessa sociedade,

³³ A guerra civil Biafra-Nigéria ocorreu entre os anos de 1967-1970 em decorrência de um processo separatista da parte sudeste da Nigéria, de maioria igbo, que fundou a República de Biafra. O evento matou milhões de pessoas, cerca de 100 mil soldados e 500 mil a 2 milhões de civis (maioria devido ao bloqueio de Biafra pelas tropas federais) Joseph Ki-Zerbo. *História da África Negra - II*. 3. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999.

³⁴ *They were solid and superior women who held their own in society. They were not only wives and mothers but successful traders who took care of their children and their husbands as well. They were very much aware of their leadership roles in their families as well as in the churches and local government. The models for Efuru and Udu were there - in real life - for me to exploit.* Nwapa, 2007, p. 528.



explorando as alternativas que elas encontravam para alcançar independência social, econômica e emocional.³⁵

Assim, a estratégia na qual se baseia este ensaio é a de desenvolver estudos no campo da História da África com e a partir da perspectiva dos (as) africanos (as), ampliando o aporte documental de análise histórica com a produção literária de africanos (as). Defendo a literatura de Flora Nwapa como fonte de evidência histórica e o seu caráter testemunhal. Na escrita da autora há um compromisso declarado em fornecer uma leitura positivada da vida e da trajetória de mulheres igbos que, na perspectiva dela, não recebiam o mesmo cuidado na escrita de seus contemporâneos homens.³⁶ E ao reconhecer esta motivação, Nwapa concede aos seus leitores um texto vivo, marcado por sua interpretação da história e do passado e, ao mesmo tempo, torna-se referente de seu próprio tempo, um contexto marcado pela consolidação de um projeto de nação pós-independência.

A utilização da literatura como fonte de pesquisa e de estudo da história parte do pressuposto de que esta carrega em si evidências do modo do autor se ver e pensar no mundo. As histórias de Nwapa, portanto, estão marcadas por sua perspectiva da história igbo e de como ela entendia o papel das mulheres naquela sociedade. A escrita da autora pautou-se no reconhecimento do protagonismo feminino diante das transformações sociais pelas quais a

³⁵ Chuku, 2013, p. 282.

³⁶ Marie Umeh. The Poetics of Economic Independence for Female Empowerment: An Interview with Flora Nwapa. *Research in African Literatures*, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 27, 1995.



sociedade igbo passou desde a colonização, permitindo-nos construir interpretações sobre os sentidos da história igbo por ela atribuídos.

Considerações finais

Este ensaio representa um recorte de uma pesquisa em andamento, dedicada a explorar como a produção literária da escritora igbo nigeriana Flora Nwapa ressignifica narrativas sobre as mulheres igbos e desafia as representações coloniais desumanizadoras. Ao trazer para o centro das histórias de suas personagens, as experiências, desafios e estratégias dessas mulheres, Nwapa não somente contribuiu para a literatura africana, mas ofereceu importantes reflexões sobre o papel das mulheres na história da Nigéria e na sociedade igbo. Os desdobramentos dessa investigação continuam a aprofundar a análise de suas obras e a dialogar com outras produções que tratam da complexidade das identidades africanas, das relações de gênero no contexto colonial e pós-colonial, assim como a escrita da história sob a perspectiva de mulheres africanas.